

Uma Literatura Lamentavel

YVONNE JEAN



ACABA de se realizar em Varsóvia um Congresso de Literatura Infantil. Reuniu não somente escritores, como pintores, cientistas, pedagogos, psicólogos, técnicos, etc, que examinaram a literatura infantil sob todos seus aspectos. Chegaram à conclusão de que não bastava ajudar a divulgação dos livros que educam moralmente, socialmente, cientificamente e artisticamente, mas que é também indispensável lutar ferozmente contra a má literatura infantil. A tal ponto que o congresso polonês resolveu criar um "Instituto da Opinião", porque "deve haver um limite à liberdade de editar maus livros", quando estes livros falseiam a mentalidade dos que serão a nova geração.

Nós não podemos cogitar nem de impedir a entrada dos maus livros infantís estrangeiros, nem a edição dos maus livros infantís nacionais, porque a ABDE não pode criar um precedente, restringindo a liberdade da imprensa e do pensamento, seja sob qualquer ângulo que fôr.

Entretanto cabe a ABDE estabelecer um plano concreto de ação para a educação e a formação da criança e contra tudo que deturpe a moralidade, o poder de raciocínio e o desenvolvimento artístico da criança. O 2.º Congresso de Escritores não pode deixar de examinar o problema da literatura infantil. É um problema sério e que não deve ser menosprezado.

Existem, ao meu ver, três tipos de livros infantís, amplamente divulgados, que devem, a qualquer preço, serem afastados:

1.º *As historias em quadrinhos* -- Sem nos determos no gênero de assuntos geralmente escolhidos, que além de imorais (ou amorais o que ainda é mais nocivo) são absolutamente desinteressantes, o fato de habituar a criança a ler com a ajuda de desenhos (sempre do pior gênero) habitua-na a uma preguiça mental que a marca. Inumeráveis adolescentes só gostam de revistas "com muitas imagens" e são incapazes de se concentrar num texto um pouco mais sério.

As histórias em quadrinhos vêm dos Estados Unidos e dão um lucro fabuloso a diversas empresas nacionais, que nunca se conformarão em deixar de publicá-las. Não será fácil lutar contra elas. Por isso, não se deve cogitar de entrar em luta aberta contra elas, mas procurar educar a criança e, principalmente os pais e os educadores, colocando ao seu alcance bons livros infantís, procurando contrabalançar assim o efeito nocivo das histórias em quadrinhos.

2.º *A Literatura de gangsters* -- Só reproduzem casos de exceção. As crianças se habitua a considerá-los como naturais. O menino que só lê na sua revista hebdomadária, aventuras de bandidos, acaba admirando profundamente o herói que mata maior número de inimigos e acha o uso de um revólver mais natural do que de uma raquete de tennis, por exemplo. Acredita que tudo se resolve pela força e está sendo preparado para aceitar a guerra como um acontecimento não somente natural, mas ainda desejável, para que se possa, por sua vez transformar em herói. Quem luta para a paz, deve lutar ferozmente contra a literatura do gangsterismo e da violência.

3.º *As histórias para mocinhas* -- Os livros de capa azul claro são um verdadeiro veneno para as jovens, que se comprazem nelas, o que é natural, pois não exigem nenhum esforço intelectual. A tradução desta sub-literatura francesa dos Delly e outros, tem feito muito mal porque meninas pouco preparadas acabam acreditando que a vida é assim mesmo. A rádio-novela se incumbiu de ajudar a este gênero de literatura, criando histórias que se desenrolam num mundo composto exclusivamente de "bons e maus". Estes livros, que parecem extremamente morais pois os virtuosos sempre vencem, advogam a

inércia completa. A prece resolve tudo. Situa-se sob o sinal de "Deus-Pátria-Família", aconselham as moças de obedecer aos pais e ao padre, nunca fazendo mostra de independência nem originalidade, recusando-se ao trabalho e ao desenvolvimento da personalidade, esperando o marido que será, com um pouco de sorte, rico, o que é o essencial. Estes livros não são somente um divertimento que nada ensina, são o pior agente do reacionarismo e impedem o desenvolvimento espiritual de milhares de moças.

Quem quer lutar para a emancipação da mulher brasileira deve lutar violentamente contra a divulgação desta sub-literatura. Incluo neste grupo os livros do gênero da "escola do domingo", cuja moralidade também é longe de ser construtiva.

Como não é possível lutar contra os editores que só veem seus lucros e os jornais que não deixarão de publicar as histórias em quadrinhos que lhe garantam a venda de muitos exemplares, a ABDE só poderá agir organizando uma ação para uma boa literatura infantil.

Deve organizar, antes de mais nada, uma exposição de bons livros infantís nacionais e estrangeiros, escolhendo não somente livros de um valor comprovado, como livros que sem serem de alto valor literário possuem desenhos de bom gênero, habituando a criança a apreciar o belo, poesias fáceis de serem lembradas mas desenvolvendo a fantasia, etc. etc.

Paralelamente poderia organizar um ciclo de conferência para os pais, os professores e também para as crianças.

Organizaria também sessões de cinema e teatro.

Enfim, acharia indispensável que se fundasse uma verdadeira revista infantil acima de um certo nível.

Todos os sócios da ABDE poderiam tomar parte na campanha para a divulgação da boa literatura infantil e a formação do gênero da criança, usando da imprensa, o rádio, etc. etc., cada um segundo os meios dos quais pode dispor.

Acredito que o Congresso não pode acabar sem que seja levantada esta questão, para que se tomem certas providências concretas, coletivas e individuais para a verdadeira literatura infantil, contra a pseudo-literatura infantil, que muito mais mal faz do que se pensa geralmente.

Um Jardim de Infancia em cada Bairro

Entrevista de YVONNE JEAN



YVONNE JEAN, nossa ilustre colaboradora, está empenhada atualmente numa campanha realmente patriótica. Ela quer dotar o Rio de Janeiro com dezenas de **Jardins de Infancia**. Um em cada bairro. Como sabemos que o que ela se propõe fazer não deixa de realizar, fomos ouvi-la sobre essa esplendida cruzada pedagógica. Em seguida iniciamos nossa palestra.

— Como lhe surgiu a ideia de «Um Jardim de Infancia em cada bairro»?

— Quando fiz para «O Jornal» um inquerito sobre o estado do ensino primário no Distrito Federal, reparei que algumas crianças assimilavam o ensino básico com maior facilidade de que a maioria dos seus companheiros. Não estou, naturalmente, referindo-me a uma reação devida ao maior grau de intuição ou vivacidade, mas a uma espécie de preparo intelectual palpável. Não sabiam ler, escrever, nem calcular ainda, mas já sabiam raciocinar desembaraçadamente. Estas crianças eram as que haviam frequentado um jardim de infancia. Minha curiosidade ficou despertada. Visitei alguns jardins de infancia, conversei com alunos, professoras e mães. Descobri, então, que o jardim de infancia possui duas vantagens ainda bem maiores do que a que reparara.

Primeiro, todas as crianças gostam imensamente do jardim de infancia, onde encontram camaradas da sua idade e uma vida em acôrdo com seu desenvolvimento. Não são somente os meninos pobres, que, sem o jardim de infancia, estariam

abandonados à rua, que sentem esta felicidade, mas também os filhos mimados de pais ricos que preferem o convívio com amiguinhos a uma vida em estufa, geralmente com adultos que já esqueceram sua infancia.

Os meninos que vi nos jardins de infancia pareciam realmente felizes.

Segundo, e agora estou chegando à razão principal do meu interesse pelos jardins de infancia, as mães só poderão trabalhar fora com espírito descansado quando existirem jardins de infancia para todas as crianças já grandes para as crèches e ainda pequenas para a escola. Hoje, a maioria das operarias e das funcionárias estão obrigadas a abandonar os filhos durante a maior parte do dia a si mesmos ou aos cuidados de uma vizinha que já tem seus próprios afazeres e dificuldades. Quando não fazem mil travessuras em casa, estão entregues à rua que é a verdadeira escola da vagabundagem. E' na rua que se formam os jovens delinquentes, infelizmente tão numerosos. E' na rua que os pequenos aprendem muitas coisas que deveriam ignorar. Sem falar do perigo de serem atropeladas.

Além disso, as crianças abandonadas a si mesmo desde pequenas não comem em horas certas e devem contentar-se com o prato frio que a mãe deixou preparado.

Foi diante da verdadeira angustia das mães que têm filhos de três às seis, e mesmo sete anos (pois de-

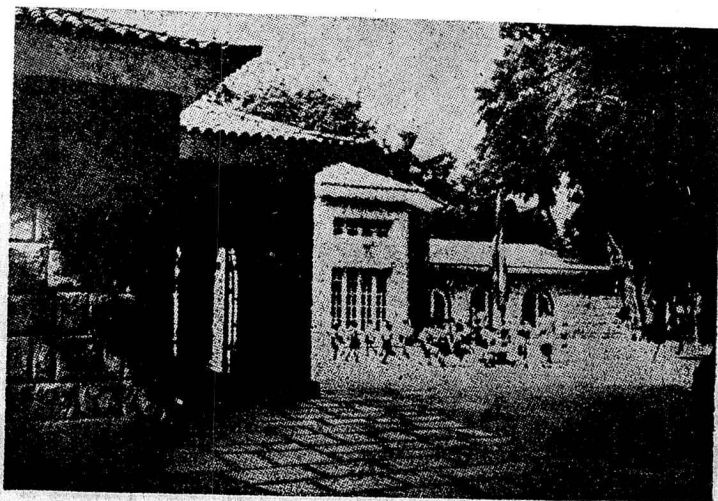
vido a falta de escolas há meninos que só podem ingressar no curso primário com sete anos) que me veio à ideia de lançar uma campanha que se chamaria «Um Jardim de Infancia em cada bairro».

— O que é que existe atualmente no Rio neste particular?

— Existem... **tres** jardins de infancia municipais! Sim, disse TRES. E' difícil de acreditar, não é? Infelizmente, é a verdade. A Prefeitura possui um jardim de infancia no Campo de Sant'Ana — aliás admirável —, um em Botafogo e um outro no Instituto de Educação.

Suponho que os mais pessimistas não teriam imaginado tal estado de coisas!

Naturalmente, existem inumeráveis jardins de infancia particulares. Mas muitos, a maioria, além de só servir para os filhos de pais ricos, não são verdadeiros jardins de infancia. A finalidade do jardim de infancia não é somente de guardar as crianças, mas também de prepará-las para a escola, segundo metodos universalmente comprovados. Ainda não existe um curso froebeliano entre nós, mas a função cria a profissão e quando houver mais jardins de infancia, surgirá naturalmente a carreira de professora froebeliana. O mais urgente é a construção de prédios. A Diretora do jardim de infancia Campos Salles, que estudou nos Estados Unidos, forma suas auxiliares que são professoras primá-



Jardim de Infancia "Campos Salles"

5-11-47

958

-es-

ni
e:

1947